

## POR QUE SÃO CARLOS?

Roberto THUT

Historiadores de fastos campineiros costumam afirmar, a propósito da elevação da freguesia de Campinas à categoria de Vila com o nome de São Carlos que tal denominação se deu em homenagem a um príncipe ou princesa da Casa Real de Portugal.

O historiador ituano F. Nardy Filho, em "O Estado de S. Paulo", de 17 de setembro de 1947, publicou algumas notas interessantes a propósito do fato, afirmando que a denominação de Vila de São Carlos se deu "em homenagem ao nascimento da Senhora Infanta D. Carlota".

Ricardo Gumbleton Daunt, na sua monografia **Os primeiros tempos de Campinas**, publicada em 1879, já dizia que a alteração se fez "em honra de um príncipe recém-nascido e que pouco viveu". Anteriormente, em trabalho semelhante, publicado em 1871, e intitulado **Campinas: notícia histórica**, F. Quirino dos Santos atribuía o fato já não mais a um natalício principesco, pois diz que "o caso foi todo em honra da Sr<sup>a</sup> D. Carlota Joaquina, esposa d'El-Rei D. João VI".

Benedito Otátio e Vicente Mellilo, no **Almanaque de Campinas** (1912), pretendem dois motivos, como causa: "essa denominação lhe proveio, talvez, do santo do dia 4 de novembro (S. Carlos Borromeu), e foi dada à vila em homenagem a uma princesa lusa recém-nascida". Vê-se que o fator "santo do dia" é duvidoso, mas o do nascimento de uma princesa, categórico.

Em **Monografia de Campinas** (1912), da autoria de "um professor campineiro", encontramos a versão de que "a denominação foi dada a uma princesa recém-nascida e por causa do santo do dia 4 de novembro (dia da provisão), S. Carlos Borromeu". Num trabalho em que não consta o nome do autor, intitulado **Resenha histórica de Campinas**, inserido no número único de **Nossa Terra - 1739-1939**, pretende-se ter sido lembrada a denominação de São Carlos em homenagem à rainha D. Carlota.

Creemos ser desnecessário prosseguir com outras citações, em que se pretende sempre ora homenagear o nascimento de uma criança real, ora o santo do dia 4 de novembro.

Analisemos a primeira versão, de homenagem à pessoa da Família Real.

A freguesia das Campinas teve o predicado de "vila" por uma provisão de 4 e portaria de 16 de novembro de 1797, do capitão-general Antônio Manuel de Melo Castro e Mendonça, determinando nesta última que "no Real nome de Sua Majestade e por serviço da mesma Senhora", se fizesse "erigir a sua povoação em vila, cuja se denominará Vila de São Carlos". Verifica-se, principalmente, que a rainha na época era D. Maria I e não D. Carlota, mulher de D. João VI, como afirmaram mais de um dos autores citados, pois D. Carlota nasceu muito anteriormente ao fato (em 1777) e somente se tornou rainha após o falecimento de sua sogra, ocorrido em 1816. Por isso, voltamos nossa atenção para o terreno genealógico, a fim de verificar se na época teria nascido algum príncipe português que se chamou **Carlos**.

A rainha D. Maria I, nascida em 1734 e falecida em 1816, teve seis filhos, sendo o mais moço a princesa D. Isabel, que nasceu em 22 de dezembro de 1776 e teve pouco tempo de vida, pois faleceu em 14 de janeiro do ano seguinte. Aliás, o marido da rainha, rei consorte chamado D. Pedro III, faleceu em 1786, cerca de 11 anos, portanto, antes da erecção da vila de São Carlos. Por isso, o rebento real, a quem se teria prestado a homenagem, não poderia ser filho de D. Maria I. Vejamos se poderia ter sido algum dos seus netos.

Excluindo-se seu filho, D. João VI, apenas a filha D. Mariana (1752-1783) lhe deu netos, dois ao todo, mas ambos nascidos muito antes de 1797, uma vez que sua progenitora falecera em 23 de novembro de 1783. O segundo filho dessa princesa D. Mariana chamava-se realmente Carlos, mas não só nascera 19 anos antes do fato, como também era um infante de Espanha, visto seu pai ser o príncipe D. Gabriel, terceiro filho de D. Carlos III, daquele país. De qualquer maneira, portanto, o preito não poderia ser a esse neto de D. Maria I.

Quanto a D. João VI, teve nove filhos, mas nenhum com o nome de Carlos, como também nenhum de seus netos. Não seria admissível a hipótese de algum filho bastardo, por não ser conhecido tal nascimento e nem figurar nas genealogias reais, onde de registram também as bastardias. Ainda que fosse caso de uma bastardo secreto (não consignado nas

genealogias), evidentemente que não se cuidaria de homenagear um personagem cuja origem se procurava ocultar, e nem o capitão-general de São Paulo teria conhecimento de um segredo tão íntimo. Muito mais fora de cogitação seria a hipótese de um natimorto, pois não teria nome por falta de batismo que, em tais casos, não é realizável em face do direito canônico.

Pelo exposto, devemos afastar de todo a versão de homenagem a um príncipe recém-nato. Mesmo D. Carlota Joaquina, não é de acreditar tenha sido a homenageada, pois se assim fosse não se faria à vila um nome masculino, sobretudo de um santo, de maneira tão vaga, tão obscura e tão indireta.

Assinalemos finalmente que, se houvesse tido, da parte do capitão-general de São Paulo, a intenção de lisonjear a família real, tê-lo-ia feito preferindo o nome da rainha ou do príncipe-regente e, o que é importante, consignaria textualmente o fato nos documentos respectivos expedidos a 4 e a 16 de novembro de 1797. Nesses documentos e no auto de erecção da vila, não consta, todavia, qualquer referência à pretendida homenagem que, estamos certos, não passa de uma lenda ou afirmação graciosa, que nos vem sendo transmitida e endossada em trabalhos históricos.

Por isso, a segunda versão é a única aceitável, pois a realidade do ocorrido foi a de se ter dado o nome da vila em louvor do santo da data da provisão (4 de novembro), que é **São Carlos Borromeu**, arcebispo de Milão, o mais jovem sacerdote que até hoje fez parte do Sacro Colégio, pois tinha apenas 23 anos de idade quando recebeu o chapéu cardinalício<sup>1</sup>.

Em nosso passado, o costume de se dar a localidades nomes em louvor de um santo era vulgarizadíssimo, em virtude de intenso espírito de religiosidade católica de nosso povo. Aí estão, espalhados pelo Brasil, milhares de exemplos de capitais, cidades, vilas, freguesias, arraiais, distritos e até bairros e subúrbios, cuja denominação evocativa daria para formar um "flos sanctorum"! Antônio Manuel de Melo Castro e Mendonça, ao determinar em sua provisão de 4 de novembro de 1797 que se desse à nova vila o nome de **São Carlos**, assim foi levado unicamente por espírito religioso ou devoção ao santo do dia em que assinara aquele documento; jamais por disposição bajulatória. Esta é, a nosso ver, a verdade histórica.

(**Monografia...**, pp. 189-191).

(1) Falecido a 4 de novembro de 1584, São Carlos Borromeu foi canonizado em 1610. Uma extensa biografia do patrono de nossa cidade pode ser encontrada no vol. XI da importante **Vida dos Santos**, de Alban Butler, trad. de Attilio Brunetta, pp. 41-50. Petrópolis, Vozes, 1993.